

APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E A PESQUISA E INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL¹

THEORETICAL AND HISTORICAL APPROXIMATION CLOSENESS BETWEEN THE FRENCH DISCOURSE ANALYSIS AND THE PSYCHO-SOCIAL RESEARCH AND INTERVENTION

Izabel Friche Passos*

Resumo

Serão demarcados aspectos históricos e teóricos que aproximam a Análise do Discurso francesa de propostas de análise e intervenção sobre instituições sociais. A AD e a psicossociologia (considerada em sentido amplo e não restrita à vertente francesa assim nomeada) são movimentos intelectuais contemporâneos, que se consolidaram nas décadas de 60 e 70 do século passado, mas que construíram trajetórias próprias, totalmente independentes e autônomas, embora compartilhando algumas importantes referências teóricas, como Bourdieu e Foucault. Na AD, será destacada a contribuição específica de Michel Foucault com seus trabalhos de arqueologia do saber e genealogia do poder, e, dentre as muitas e diversificadas perspectivas da pesquisa e intervenção psicossocial, serão privilegiadas as vertentes, também francesas, da Análise Institucional e da Psicossociologia, com menção a algumas importantes contribuições de autores latino-americanos para a pesquisa psicossocial em nosso país. O objetivo do trabalho é tornar mais compreensível a utilização dos recursos teóricos e metodológicos da AD feita por pesquisadores da psicologia social, campo de saber em que as propostas de intervenção psicossocial encontram uma incorporação mais natural e vasta, embora não sem divergências e alguns focos de resistência e crítica.

Palavras-chave: *Análise do Discurso, Análise Institucional, Psicologia Social, Intervenção Psicossocial.*

Abstract

In this paper we deal with theoretical and historic aspects which bring together the French Discourse Analysis and proposals of analyses and intervention on social institutions. Both the DA and socio-psychology (considered in its broad specter rather than only the so-called French approach) are contemporary intellectual movements, consolidated in the 1960s and 1970s, both building their own autonomous and independent trajectory, but sharing

important theoretical references, such as Bourdieu and Foucault. In DA, we will highlight the specific contribution of Michel Foucault with his works on the archeology of knowledge and genealogy of power. Among the many and diverse perspectives of research and psycho-social intervention, we will highlight the trends, also French, of Institutional Analysis and Psycho-sociology, mentioning some important contribution of Latin-American authors who helped develop the psycho-social research in Brazil. The aim of this work is to help understand the use of theoretical and methodological resources of DA made by the researchers in social psychology, a field of knowledge in which the propositions as to psycho-social interventions find a more natural and broader incorporation, although not exempt from some divergence and some resistance and criticism.

Key words: *Discourse Analysis, Institutional Analysis, Social Psychology, Psycho-social Intervention.*

I Introdução

Uma primeira advertência a se fazer é que não sendo especialista em lingüística, nem pertencendo ao campo científico e academicamente demarcado da análise do discurso, mas sendo psicóloga de formação, será a partir de um lugar de apropriação externa que falarei. Esta advertência diz por si de uma primeira dimensão importante que distancia a Análise do Discurso (AD) da Análise Institucional (AI)², para tomarmos, do campo psicossocial, uma proposta radical de análise e intervenção sobre as instituições sociais que está muito presente nos trabalhos que desenvolvemos na graduação e na pós-graduação em psicologia da UFMG, seja em forma de pesquisas, seja em práticas concretas de intervenção (acadêmicas ou não). A AI, muito ao contrário de pretender se constituir como um campo de especialidade teórico-técnico-científica, nos propõe e se dá um lugar que, numa linguagem mais atual, chamaríamos de verdadeiramente *transdisciplinar*, porque transversal às disciplinas científicas canônicas e incorporador de outros saberes e fazeres, não exclusivamente acadêmicos (saberes e fazeres filosóficos, artísticos, técnicos, do senso-comum, das letras, dos mitos, das religiões, da política, dos movimentos sociais, da cultura popular etc.). Portanto, a AI não propõe, ou não apenas, a interdisciplinaridade, como o fazem as propostas de análise do discurso – AD – e vertentes anglo-saxônicas incluídas. Almeja, isto sim, um lugar muito mais crítico (no sentido de instável e perigoso), e também utópico, pois ensaia e tenciona (com c e com s, produzindo *ipso facto* uma tensão sobre o pensamento disciplinar) uma possível superação das disciplinas, entendidas tanto como ramos de saber quanto como práticas de normalização e de subjetivação.

A segunda advertência é que essa tentativa de se buscar proximidades entre a AD e as vertentes institucionalistas de análise psicossocial (pois há vertentes que se centram nos grupos tomados em si mesmos ou nos estabelecimentos que os congregam sem considerar a dimensão propriamente institucional; são exemplos: a psicossociologia moreniana dos pequenos grupos e a dinâmica de grupos de Kurt Lewin;

embora sejam propostas incorporadas de modo mais ou menos transformado nas perspectivas institucionalistas, não serão consideradas neste texto) será feita pelo viés da contribuição de Michel Foucault. Esse autor, que está na origem da AD e explícita ou implicitamente presente na elaboração teórico-prática de alguns importantes analistas do discurso, como Dominique Maingueneau, por exemplo, pode, perfeitamente, ser contornado, no sentido de se passar ao largo, como ocorre em muitos trabalhos de AD. No recorte foucaultiano preferido, já há uma pinçada seletiva e interessada. Que, portanto, se tomem as considerações que serão feitas aqui como interpretações possíveis, não necessárias.

É a partir da psicologia social que se tecerá a idéia de uma colaboração possível com a AD. Pois é aí, nesse campo do saber da psicologia social, que se localizam as pesquisas que vimos desenvolvendo na interface com a AD (ver, a título de exemplo, Passos e Beato, 2003; Fonseca, 2006; e Moura, 2006). Melhor dizendo, é esse o campo onde se localizam as pesquisas em termos institucionais e formais, já que, do ponto de vista de uma estrita observância disciplinar, operamos certos deslocamentos, claramente assumidos³.

2 A AD e a Psicologia Social

Feitas as advertências, vamos ao que interessa. A psicologia social marcou presença oblíqua⁴ no campo da AD desde seus primeiros delineamentos. O nome de Michel Pêcheux é obrigatório em qualquer resenha histórica sobre a AD, sendo, em geral, evocado como fundador ou como um de seus mais importantes iniciadores, responsável pela formulação de um dos conceitos centrais da teoria do discurso, o de formação discursiva. Apropriado e (re) trabalhado a partir de conceito homônimo, concebido com conteúdo um pouco diferente por Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (1969), como o próprio Pêcheux o reconhece: “a noção de *formação discursiva*, tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo de FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’ (...)” (Pêcheux, 1983 in Gadet, 2001, p. 314). É assim que Pêcheux “faz justiça” a Foucault num texto tardio, escrito pouco antes de sua prematura morte em 1983, um ano antes da morte de Foucault. A distância inicial em relação a Foucault será, assim, minimizada e certa admiração pelo colega assumida.

Pêcheux era também filósofo de formação, mas trabalhava num laboratório de psicologia social do Departamento de Psicologia do imponente CNRS, de Paris (Orlandi, web site, s/d.). Antes do aparecimento do livro *Análise automática do discurso* (no mesmo ano de publicação da *Arqueologia* por Foucault, isto é, 1969), livro que será considerado o marco inicial da AD⁵, Pêcheux publicara com pseudônimo ácidas críticas epistemológicas às ciências sociais e, especialmente, à psicologia social, apontando suas bases mais ideológicas que científicas e sua carência de uma teoria em sentido forte.

Mais novo que Foucault doze anos, formado na mesma École Normale Supérieure, Pêcheux será um *normaliano* (como são chamados os filósofos formados nessa escola) muito mais orgânica e duradouramente vinculado às idéias do professor Louis Althusser, também amigo de Foucault que o convidara a lecionar na École em 1951, portanto, doze anos antes de por lá se diplomar Michel Pêcheux. No auge dos estruturalismos franceses dos anos 60, Pêcheux fará sua proposição de uma teoria do discurso com base na crítica althusseriana neomarxista da ideologia e na crítica psicanalítica do sujeito intencional, tomando o sujeito como duplamente determinado pela ideologia e pelo inconsciente, ou como efeito de ambos. Tentará, também, propor um instrumento informacional que permita o tratamento e uma análise matemática do discurso. Nunca conseguirá construir satisfatoriamente um tal instrumento, todas as tentativas tendo fracassado por razões que, à época, seu estruturalismo estrito, com enfoque no texto como estrutura fechada, não o permitia reconhecer, como o fará bem mais tarde, conforme atesta a citação acima mencionada, do texto de 1983.

Com uma nova teoria e um instrumento operacional de análise, Pêcheux pensava dar o instrumental científico que faltava às ciências sociais, aproximando-as de uma análise lingüística, que, por sua vez, faltava à teoria dos aparelhos ideológicos de Althusser.

É assim que Pêcheux chega à conclusão sobre a importância da linguagem como, ao mesmo tempo, a expressão e a própria materialização das ideologias, e à necessidade de análise da dimensão política dos discursos. Por essa época, são precisamente os textos partidários, principalmente dos partidos de esquerda, os *corpora* privilegiados nas análises.

Pelo que se disse até aqui, fica claro como são muito diferentes as preocupações de um e outro Michel, professores de filosofia e psicólogos (na verdade, me parece que só Foucault era possuidor do diploma de psicologia, embora com uma atuação profissional nesse campo não mais que meteórica). Tampouco serão iguais suas concepções de discurso, a começar pela rejeição por Foucault de termos como ideologia, ciência e teoria. A “novidade” ou singularidade da elaboração foucaultiana sobre o discurso se deve, de início, ao método arqueológico de compreensão da emergência dos saberes ou das práticas discursivas sobre o homem, tomado como objeto pelas ciências humanas. Por meio desse método, evidencia as regras de dispersão, multiplicação e ao mesmo tempo de contenção dos discursos, por um lado, e, por outro, qualifica esses saberes como práticas discursivas, o que vale dizer formas históricas e contingentes. Mas a visão crítica de Foucault se aguça quando, numa ampliação dessa primeira forma de problematização do humanismo, acrescenta o método genealógico da analítica do poder, que lhe permite articular o discurso com as práticas institucionais históricas concretas de exercício do poder.⁶

Depois de ter passado por muitas mudanças, revisões teóricas de conceitos, incorporação de novos autores e propostas metodológicas diversificadas, a AD sofre hoje de um certo esquecimento de Pêcheux (como gosta de falar a professora Marília Mata Machado, referindo-se especialmente à visada psicanalítica proposta pelo autor⁷). Esse autor continua sendo, no entanto, umas das principais referências de produções localizadas, como é o caso do grupo paulista de análise do discurso agregado pela professora Eni Orlandi, na UNICAMP, para citar apenas um exemplo dentre os muitos grupos de pesquisa em AD, nacionais e estrangeiros, existentes, por sua clara filiação a Pêcheux.

Maior proximidade, parentesco talvez, com a psicologia social até os dias atuais, podemos encontrar nas vertentes anglo-saxônicas de análise de discurso. Os exemplos de mútuas influências são muitos. Podem ser encontrados, de certa forma *avant la lettre*, desde os sociólogos da chamada escola de Chicago, na etnometodologia de um Harold Garfinkel, passando pela etnografia teatrológico-interacionista de Erving Goffman até algumas mais recentes incorporações do discurso, como objeto de investigação, por parte de psicólogos sociais ingleses como Jonathan Potter, Ian Parker, Michael Billig etc. Estes últimos citados vêm sendo muito utilizados na produção mais recente de autores brasileiros da psicologia social, na exploração de temas como: racismo, preconceito, ideologia, ação política etc. Embora, diga-se de passagem, em combinações heterodoxas, bem ao nosso gosto pela miscigenação, como a combinação feita por Mary Jane Spink com a perspectiva foucaultiana, em seus últimos trabalhos sobre práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano (2000), ou os de Neuza Guareschi (2003), que, por sua vez, aproxima Foucault e os culturalistas ingleses (Raymond Williams e Stuart Hall, especialmente).

Como não nos ocuparemos aqui dos mencionados autores ingleses, nem das vertentes anglo-saxônicas de análise de discurso, por uma questão mais de opção que de espaço, ficam citados para demarcar certa abordagem da linguagem em pesquisas atuais na psicologia social. Embora muito rica, por avançar em direção a uma superação da mera análise de conteúdo sobre representações sociais, de ampla carreira na psicologia social – já Pêcheux, num de seus primeiros textos (1967, tradução brasileira de 1995; edição utilizada aqui: 2001), se preocupava em demarcar a diferença entre análise de conteúdo e análise do discurso. O reparo que faço à produção desses autores da psicologia social inglesa é a não incorporação de noções como poder ou relações de poder, luta, micropolítica etc., que permitiriam dar um tratamento muito mais político, crítico e estético aos problemas pesquisados, problemas sempre relacionados a sérios conflitos sociais de nossas sociedades contemporâneas.

Cito um exemplo concreto dessa precária análise em termos políticos: um artigo de Billig, que tributo importante, especialmente por aparecer num livro-coletânea de autores, auto-apresentado como manual de

psicologia social pelo organizador, Serge Moscovici, um de seus principais avatares. Billig faz em “Racisme, préjugés et discrimination” (in Moscovici, 1984) uma cuidadosa e detalhada retomada das pesquisas psicológicas sobre a questão do racismo, passando por trabalhos paradigmáticos como *Personalidade autoritária*, dirigido por Adorno nos anos seguintes à segunda grande guerra. Billig conclui, na última linha do texto (!), que “as questões de preconceito e discriminação deveriam sair do quadro de considerações puramente psicológicas em direção a uma análise do poder, em particular do poder político e econômico” (p. 472). É como preparar um requintado jantar francês, com *hors d’oeuvre*, vinhos adequados, queijos, sobremesa, café e se lembrar de servir o prato principal ao final. Não conheço a produção mais recente desses autores da psicologia social inglesa para saber se as questões do poder e do saber estão finalmente incorporadas em suas elaborações, nem de que modo. São textos de difícil acesso e praticamente sem traduções para o português. Fica aqui a provocação para posterior conferência.

A partir dessa primeira explanação sobre a vinculação teórica e histórica da análise do discurso com a psicologia social, passo a procurar proximidades entre a AD e mais especificamente a psicossociologia. O objetivo agora será mostrar as possibilidades de ampliação da análise de problemas psicossociais quando se busca a contribuição da AD, especialmente no campo das práticas em saúde, como temos feito.

3 A AD e a Análise das Instituições

Estarei apresentando nesta parte mais um programa de investigação, a ser prosseguido e aprofundado, do que conclusões definitivas sobre possíveis aproximações entre AD e análise das instituições sociais.

Compartilhando a mesma conjuntura sócio-histórico-cultural dos anos quentes, e que sucederam, ao maio de 68 francês, na base de ambas as propostas, de análise de *corpora* lingüísticos no caso da AD, e de práticas institucionais concretas, no caso das abordagens institucionalistas, encontramos dois conceitos fundamentais, igualmente problemáticos e polissêmicos: o de discurso e o de instituição. Como pretendo mostrar, são noções em estreita comunicação entre si.

No primeiro caso, pelo distanciamento crítico da lingüística estrutural-funcionalista, que separa língua e fala, o conceito de discurso vem propiciar uma mediação à clássica dicotomia e trazer para a cena da lingüística a complexidade da linguagem em sua dimensão social e intersubjetiva imanente. Vem propor para a leitura dos signos e de seus arranjos languageiros o reconhecimento do caráter de opacidade, ambigüidade e polissemia da linguagem, bem como de suas condições históricas e materiais de produção.

A AI, por sua vez, vem propor, de modo semelhante, um distanciamento crítico da concepção jurídico-funcionalista do conceito de instituição, apontando para sua historicidade e ambivalência fundamentais. Quer mostrar no jogo entre instituído e instituinte a localização sempre problemática, e sócio-historicamente comprometida, dos objetos e das práticas institucionais, ao mesmo tempo em que também aponta para a instabilidade e para a possibilidade de transformação das instituições pela potencialização de ações problematizadoras, auto-analíticas e autogestionárias levadas a cabo pelos próprios atores sociais que as produzem ou sustentam.

Sem poder me estender sobre as nuances conceituais e operativas de análise que aproximam as abordagens do discurso das práticas de análises institucionais, deixo aqui apenas mencionadas algumas delas, a serem posteriormente melhor trabalhadas: 1) o reconhecimento de analisadores históricos que transformam tanto enunciados quanto práticas sociais; 2) a consideração do próprio discurso como prática político-social; 3) a função política da análise, isto é, de que qualquer análise é, antes de mais nada e sempre, já uma intervenção que se acrescenta ao universo analisado; 4) a necessidade de consideração da implicação do analista, num caso como noutro, pela explicitação dos pressupostos da análise e da contratransferência ao texto ou à instituição; 5) a remissão a outros discursos (interdiscursividade) e a redes de sentidos tecidas pelos enunciados em suas vinculações com as formações discursivas, que tal como as instituições sociais possuem fronteiras imprecisas e relações de interpenetração, complementaridade ou contradição; 6) a necessária consideração de dimensões “exteriores” e históricas na produção de discursos, objetos e conceitos; e 7) a atenção por um lado à materialidade dos discursos e, por outro, à semiótica ou semiologia dos acontecimentos. Nessa aproximação, se lembramos a produção de Lourau e de Lapassade, não podemos deixar de mencionar nomes igualmente importantes como os de Cornelis Castoriadis e Eugène Enriquez, no caso da França, de Pichon-Rivière, Guilhon de Albuquerque, Gregório Barenblitt e tantos outros, no caso de nossos autores latino-americanos.

4 A Título de Conclusão: as contribuições da AD e das análises psicossociais para pesquisas no campo da saúde coletiva

Expor aqui a contribuição da AD e de abordagens psicossociais para as pesquisas que vimos desenvolvendo no campo da saúde coletiva e da saúde mental, tal como foi feito na mesa do referido colóquio, extrapolaria os limites deste artigo. Deixo apenas indicadas as discussões trazidas pelas outras duas autoras, Mônica Soares Fonseca e Alane Michelini Moura, participantes da mesa-redonda, cabendo ao leitor o trabalho de uma consulta mais detalhada aos textos citados e a outros que caminhem na mesma direção.

Mônica Fonseca (2006) apresentou resultados de pesquisa que teve por objetivo fazer uma análise

discursiva dos sentidos atribuídos à noção de promoção da saúde por equipes do Programa Saúde da Família (PSF) de Belo Horizonte em suas práticas cotidianas. Analisou os discursos produzidos por diferentes profissionais de duas dessas equipes, a partir de entrevistas em profundidade semidirigidas e de observação participante. As equipes foram escolhidas por suas particularidades e representatividade em relação ao modo como o programa está implantado na cidade. Como conclusão geral, a autora mostra que, apesar de haver no campo discursivo dos profissionais o predomínio de um deslocamento da noção de promoção da saúde para as noções de prevenção de doenças e de mudança de atitudes, há enunciados e experiências que nos permitem pensar em um sentido mais afirmativo de promoção da saúde no PSF, sentido este não apenas ligado a um poder de controle das políticas de saúde nem “restrito à norma biológica como ordenadora da subjetividade e das relações sociais” (Fonseca, 2007, p. 10). A autora conclui que a função do profissional de saúde da família se define, em geral, por “enxergar e escutar os usuários pelo viés da produção de corpos saudáveis, pois é contra as doenças que ele atua”. Ainda nas palavras da autora,

... esse poder que a sociedade dá aos especialistas da saúde legitima a produção de “bioidentidades” e de práticas “bioascéticas”, termos usados por Francisco Ortega (Ortega, 2003). De certo modo, a pesquisa apenas descreveu esse movimento contemporâneo de biologização e materialização do risco, em duas situações particulares. Mas, por outro lado, foram descritas situações e enunciados em que os sujeitos de pesquisa se ampararam em outras formações discursivas diferentes, que seguem outras regras históricas e sociais, como a coletivização no projeto de agricultura urbana e no grupo de nutrição da equipe I (Fonseca, 2007, p. 10).

Alane Michelini Moura também trouxe para o debate a questão da desconstrução de identidades estereotipadas em termos de saúde e doença, mas a partir de um estudo sobre mudanças ocorridas nas relações afetivo-sexuais de casais heterossexuais portadores do vírus HIV/Aids (Moura, 2006). Por meio da análise de material transcrito de entrevistas semi-estruturadas feitas com cinco casais soropositivos (três soros convergentes e dois sorodiscordantes) e de dois encontros caracterizados como grupos focais, um com os homens e outro com as mulheres, Alane Moura procurou captar possíveis mudanças nos vínculos afetivo-sexuais de casais heterossexuais, em que pelo menos um tenha se tornado soropositivo para o HIV ou doente com Aids, que apareciam em seus próprios discursos. Analisou os discursos numa perspectiva de gênero, recortando quatro grandes temáticas: 1) a soropositividade no cotidiano dos membros do casal; 2) o relacionamento afetivo-sexual de cada membro do casal; 3) as relações de gênero; e 4) a relação pesquisadora/entrevistado/as. Observou modificações significativas nos discursos e posturas dos sujeitos quando em situação de entrevista com o casal e quando no grupo focal com pares de homens ou de mulheres. Aparecem no grupo dos homens enunciados mais caracteristicamente machistas e no grupo das mulheres enunciados relacionados à maternidade e a tabus femininos como a virgindade. Como diz a autora: “procuramos apresentar a polifonia de vozes que se manifestam nos discursos proferidos sobre a Aids” encontrando discursos cristalizados e preconceituosos “que permanecem ativos e poderosos”, mas também “a emergência de novos olhares sobre a epidemia e novas construções discursivas que são incorporadas lentamente pelos sujeitos e multiplicadas em suas práticas sociais” (Moura, 2007, p. 10)

Apenas a título de uma pontuação mais geral, gostaria de lembrar que sempre, e se digo sempre é sempre mesmo, isto é, de modo *incontornável*, quando lidamos socialmente, tratamos no sentido clínico ou buscamos teorizar sobre questões que dizem respeito à manutenção, recuperação ou construção de nossa saúde física e mental, não podemos passar ao largo da imbricação entre questões políticas e subjetivas, presentes nos discursos e nas práticas cotidianas e institucionais. Batendo de novo numa mesma tecla, tantas vezes repetida, não tem cabimento separar essas dimensões políticas e subjetivas em considerações ou campos disciplinares estanques. Nesse sentido, aliar modalidades de análise de práticas e de discursos sociais em torno da saúde e da doença tem-nos permitido alcançar um grau maior de articulação entre essas dimensões.

Concluo dizendo que é só levando às últimas conseqüências a incorporação do olhar e da escuta da inter e da subjetividade que nos qualificaremos como analistas, estudiosos, desejosos, intervencionistas, militantes, amorosos da construção e da desconstrução de modos de estar e de ser sadio ou doente. Contribuir para o reconhecimento de processos de subjetivação que subvertam o enquadramento das pessoas em normalidades fixadas, discursiva ou institucionalmente, é o que nos mobiliza a pesquisar e a intervir (e aí, importa pouco se somos psicólogos, médicos, sanitaristas, cientistas sociais, lingüistas, filósofos, analistas institucionais, psicossociólogos, o que seja).

Notas

[1] Texto originalmente apresentado na mesa-redonda “Análise do discurso e análise psicossocial: recursos metodológicos para a pesquisa no campo da saúde”, no XI Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica, realizado em Belo Horizonte, em abril de 2007. Foram feitos uma revisão do texto e alguns acréscimos, mas mantido o tom coloquial da comunicação oral.

2 Daqui por diante, ao me referir à Análise Institucional que designa a vertente institucionalista desenvolvida por René Lourau e Georges Lapassade, utilizarei a sigla AI, assim como a sigla AD, para designar especificamente a análise do discurso de origem francesa. Quando a referência for genérica, utilizarei expressões por extenso e em minúsculas.

3 Aproveito para inserir uma anedota. Há pouco tempo, tive minha vinculação ao campo da psicologia social questionada pela banca examinadora do concurso público que permitiu meu

ingresso no Departamento de Psicologia da FAFICH-UFMG, para lecionar no setor de psicologia social. Fui indagada textualmente sobre “o que havia de psicologia social no trabalho que desenvolvo”, que, acho, pode ser qualificado como sendo um misto de psicossociologia e etnografia. Note-se que tal concurso teve lugar em 2003, ano em que se completavam meus treze anos de docência em psicologia social em outra universidade, igualmente pública e federal, e outros vinte de trabalho com psicossociologia. Menciono o episódio porque ilustra bem que mesmo a psicologia social “vocacionada”, como se diz, a ser um campo interdisciplinar, tem lá suas dificuldades quando a liberdade de arranjo ou composição é muito grande e ameaça uma suposta identidade acadêmica conquistada. Vemos pelo episódio que não é sem divergências ou tensões que a psicossociologia é incorporada à psicologia social. A organização do Colóquio, no qual esta comunicação foi feita, esteve a cargo de professores da psicologia social e da psicologia política (o que é ainda mais interessante, já que é esse o campo ao qual se filia a quase totalidade dos membros da referida banca examinadora), pode ser bom indício de mudanças.

4 Oblíqua e pontual, e não direta nem continuada, por meio de autores caros a ambos os campos disciplinares, da AD e da psicologia social. A propósito, em nosso programa de mestrado em psicologia, a AD sempre foi conteúdo lecionado por professores próximos ou vinculados à área da psicologia social, mas de modo intermitente e opcional. O curioso é que nos últimos anos tal conteúdo tem sido dado atendendo à demanda espontânea dos próprios alunos do programa que vêm na AD uma grande estratégia metodológica auxiliar para as pesquisas empíricas que realizam.

5 Não esquecer que me refiro à vertente francesa, pois se sabe muito bem que o primeiro título contendo a expressão “análise de discurso” é do lingüista americano Zellig Harris, de 1952. Aliás, a preferência pelo uso das preposições *de* ou *do* discurso vale um comentário. Embora muitos autores brasileiros usem indiscriminadamente uma e outra forma, a preferência pela preposição *do* nos autores franceses, principalmente em Foucault, nos leva a pensar numa sutil diferença. Segundo a semântica, a preposição com artigo definido *do / da* indica o pertencimento a algo já definido anteriormente, parte de um todo, ou inclusão numa classe. No caso do uso da preposição sem o artigo, acompanhando um substantivo, *análise*, no caso, o mesmo remete para a finalidade genérica da ação de analisar. Tendo a pensar que a primeira forma convém mais à vertente que toma o discurso como uma dimensão da própria realidade social, como algo problemático que preexiste às manifestações particulares de um ato de fala ou de escrita, ao passo que “análise de discurso” me faz pensar numa modalidade de análise lingüística que incide sobre um objeto tomado genérica ou abstratamente, algo muito próprio do modo de operar da lingüística clássica, que isola a língua para

um estudo abstrato. Entendo que se o acento é posto sobre o discurso pensado como uma dimensão complexa do social, algo que se destaca como objeto-problema, o uso da preposição *do* é mais adequado.

⁶ Para um estudo comparativo aprofundado desses dois autores deixo sugerido o excelente livro de Maria do Rosário Gregolin (2004)

⁷ A professora Marília, hoje aposentada, é um dos nomes mais importantes da psicossociologia em Minas Gerais, tendo lecionado a disciplina AD, por muitos anos, no Mestrado, e sido membro do antigo Setor de Psicologia Social da FAFICH/UFMG, no período das mais marcantes realizações desse grupo. Foi orientada em pós-graduação por André Lévy, no mesmo laboratório onde trabalhava Pêcheux.

Referências

BILLIG, M. Racisme, préjugés et discrimination. In: MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984. p. 449-472.

FONSECA, Mônica S. *Os sentidos da promoção da saúde na atenção básica: estudos de caso na estratégia Saúde da Família em Belo Horizonte*. 2006. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

_____. Uma análise discursiva dos sentidos da promoção da saúde incorporados na prática de equipes do Programa Saúde da Família de Belo Horizonte. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA, 11., 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2007.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. [1969] Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GREGOLIN, M. do R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUARESCHI, N. *Psicologia social nos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2003.

MOURA, Alane M. *As relações de gênero em casais heterossexuais vivendo com HIV/AIDS: análise do discurso sobre seus vínculos afetivo-sexuais*. 2006. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

_____. Desconstruindo identidades: mudanças nas relações afetivo-sexuais de casais heterossexuais portadores do vírus HIV/Aids, analisadas através do discurso de entrevistados/as In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA, 11., 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2007.

PASSOS, Izabel F.; BEATO, Mônica S. da F. Concepções e práticas sociais em torno da loucura: alcance e atualidade da *História da Loucura* de Foucault para investigações etnográficas. *Psychê*, São Paulo, ano 7, n. 12, p. 137-158, jul./dez. 2003.

PÊCHEUX, M. (1967). Análise de conteúdo e teoria do discurso. In: GADET, F.; HACK, T. *Por uma análise automática do*

discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 61-105.

_____ (1983). A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HACK, T. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 311-318.

SPINK, M. J. (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Dados da autora:

Izabel Friche Passos

* Doutora em Psicologia Clínica – PUC/SP – e Professora de Psicologia Social do Departamento e Mestrado em Psicologia – FAFICH/UFMG

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627

31270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: izabelfrichepassos@gmail.com

Data de recebimento: 31 maio 2007

Data de aprovação: 5 set. 2007